

**GESTANTES VACINADAS CONTRA RUBÉOLA DURANTE A
CAMPANHA DE VACINAÇÃO NOVEMBRO/2.001.**

1. INTRODUÇÃO.

No Estado de São Paulo, o Programa de Controle da Rubéola e da Síndrome da Rubéola Congênita foi implantado em 1.992 com a realização da Campanha de Vacinação para toda a população de 1 a 10 anos de idade utilizando a vacina tríplice viral - SCR - (contra sarampo, caxumba e rubéola) e atingindo a cobertura vacinal de 95,7%. No período de 1.992 a 1.999, o número de casos confirmados de rubéola variou de 216 a 494 com coeficientes de incidência (CI) entre 0,67 a 1,21 casos/100.00 habitantes (pico em 1995 com 1025 casos CI 3,05/100.000 habitantes).

No ano 2.000, verificou-se uma epidemia de rubéola, com surtos em universidades e vários locais de trabalho, com a confirmação de 2.556 casos (7,06/100.000 habitantes), tanto em homens como em mulheres, sendo a maior proporção na faixa etária entre 20 a 29 anos de idade (58,6%).

A cobertura com a vacina SCR nas crianças com 1 ano de idade manteve-se elevada desde 1992 (entre 90 e 100%), porém não homogênea : cerca de 30 a 40% dos 645 municípios do estado não atingiram a meta de vacinar pelo menos 95% das crianças com um ano de idade nos dois anos anteriores. Este fato, juntamente com os casos esperados de falha vacinal (cerca de 5%) e a não vacinação da população escolar ainda não imunizada, contribuíram com o acúmulo de suscetíveis. Portanto considerando-se a situação epidemiológica da rubéola (surtos em adultos jovens), a não homogeneidade das coberturas vacinais no estado e a quantidade de vacinas disponíveis, foi indicada a realização de uma Campanha de Vacinação contra rubéola para todas as mulheres na faixa etária entre 15 a 29 anos de idade neste estado.

Como precaução, foi recomendado para que mulheres sabidamente grávidas não fossem vacinadas, e as mulheres vacinadas deveriam evitar a gravidez por um mês.

Baseados na experiência do acompanhamento de gestantes vacinadas contra febre amarela, realizado em Campinas onde observou-se que cerca de 90% das mulheres não sabiam que estavam grávidas ao serem vacinadas, foi estabelecido um fluxo de investigação.

Recomendou-se para as gestantes vacinadas coletas de sangue para realização de sorologia para rubéola. Aquelas que soroconverteram com a vacina (Grupo A: IgM reagente ou baixa avidéz) continuaram a realização do pré-natal nas unidades de saúde, foram encaminhadas para realização de ultrassom morfológico e orientadas para coleta de sorologia do recém-nascido.

2. RESULTADOS PRELIMINARES

Foram notificadas 6.163 gestantes vacinadas (dados provisórios até 7/10/2002), com idade variando entre 12 a 40 anos de idade (média 21,9 anos, mediana 22 anos) e imensa maioria (96%) bem no início da gestação (primeiras 12 semanas de gestação).

De acordo com os resultados das sorologias para rubéola (ELISA e teste de avidéz), que foram realizadas pelo Instituto Adolfo Lutz e Instituto Medicina Tropical, as gestantes vacinadas foram classificadas nos seguintes grupos: **Grupo A** 12% (739 gestantes) com IgM reagente ou baixa avidéz; **Grupo B** 33% (2.033 gestantes) com IgM não reagente e IgG reagente ou com elevada avidéz, portanto imunes no momento da vacinação; **Grupo C** 33% (2.036 gestantes) com data de coleta superior a 70 dias após a vacina e IgM não reagente/ IgG reagente; e **Grupo D**, 22% (1.355) que ainda aguardam dados para definição do grupo (Gráfico 1).

Do total das notificações 34,5% (2.126) foram da Grande São Paulo, e o restante

(65,5%) no interior do estado. As regionais que apresentaram um maior número de notificações foram DIR 1-Capital (18,5%), DIR 12- Campinas (9,1%), DIR 18 -Ribeirão Preto e DIR 23- Sorocaba (6,9%) (Tabela 1 e Gráfico 2).

Considerando o número de doses aplicadas durante a Campanha de Vacinação e o número de notificações, verificou-se uma incidência média de 1,41 gestantes vacinadas para cada 1.000 mulheres vacinadas para todo o estado, variando de 0,53 (DIR 4-Franco da Rocha) a 3,53 (DIR 14-Marília) para cada 1.000 mulheres vacinadas (Gráfico 4).

Até o momento, foram encaminhadas 220 sorologias de recém-nascidos filhos de mães do grupo A (220/739, 29,7%), sendo 8,2% (18/220) com sorologia IgM reagente, taxa esta cerca de 8 vezes maior que a descrita na literatura. Estes recém-nascidos nasceram bem e estão sendo acompanhados e avaliados em locais de referência para afastarmos a síndrome da rubéola congênita (Gráfico 5, Quadro1).

Na literatura mundial, foram avaliadas 546 gestantes vacinadas, que soroconverteram com a cepa RA 27/3, identificados 5 recém-nascidos infectados - IgM positivo (0,9%) e nenhum com manifestações clínicas compatíveis com síndrome da rubéola congênita. No estado de São Paulo, com a identificação de 739 gestantes que soroconverteram (Grupo A) e, considerando a importância dos resultados deste estudo que certamente irá contribuir para subsidiar recomendações técnicas futuras pertinentes à indicação da vacina contra rubéola para mulheres em idade fértil, é fundamental o incremento da coleta de sangue dos recém-nascidos filhos destas mulheres, a identificação dos infectados e o seu acompanhamento com o objetivo de afastarmos a síndrome da rubéola congênita associada a vacina.

Centro de Vigilância Epidemiológica "Prof. Alexandre Vranjac"

Outubro/2002.